



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS - LICENCIATURA**

JHENIFER ANDRIELI RUTH SCHMIDT GUIMARÃES

**A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE LEITE PARA AS FAMÍLIAS DO
ASSENTAMENTO CELSO FURTADO EM QUEDAS DO IGUAÇU - PARANÁ**

LARANJEIRAS DO SUL

2021

JHENIFER ANDRIELI RUTH SCHMIDT GUIMARÃES

**A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE LEITE PARA AS FAMÍLIAS DO
ASSENTAMENTO CELSO FURTADO EM QUEDAS DO IGUAÇU - PARANÁ**

Trabalho de conclusão de graduação apresentado à Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Laranjeiras do Sul, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Antônio Finatto

LARANJEIRAS DO SUL

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Guimarães, Jhenifer Andrieli Ruth Schmidt

A importância da produção de leite para as famílias do Assentamento Celso Furtado em Quedas do Iguaçu - Paraná / Jhenifer Andrieli Ruth Schmidt Guimarães. -- 2021.

45 f.

Orientador: Dr. Roberto Antônio Finatto

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas, Laranjeiras do Sul, PR, 2021.

I. Finatto, Roberto Antônio, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

JHENIFER ANDRIELI RUTH SCHMIDT GUIMARÃES

**A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE LEITE PARA AS FAMÍLIAS DO
ASSENTAMENTO CELSO FURTADO EM QUEDAS DO IGUAÇU - PARANÁ**

Trabalho de conclusão de graduação apresentado à
Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus*
Laranjeiras do Sul, como requisito para obtenção do
grau de Licenciada em Interdisciplinar em Educação
do Campo: Ciências Sociais e Humanas.

Esse trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
13/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Roberto Antônio Finatto – (UFFS)
(Orientador)



p/ Prof. Dr. Vitor de Moraes – (UFFS)
(Avaliador)



p/ Profa. Dra. Joice Konrad – (IFSC)
(Avaliadora)

AGRADECIMENTOS

Este momento foi muito esperado, pois posso agradecer a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para que eu chegasse até aqui. Primeiramente, agradeço a Deus por ter me mantido no caminho certo com saúde e forças para que eu pudesse concluir este curso. Sou grata à minha família pelo apoio que sempre me deu durante toda a minha vida, à minha mãe Elidiane, ao meu pai Gilmar e ao meu irmão Abílio que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda minha trajetória; ao meu esposo Valdir, pelo companheirismo ao longo do curso; e ao meu primo Cleisson que me ajudou para que eu chegasse até aqui.

Sou grata pela confiança depositada na minha proposta de projeto pelo professor Roberto, orientador do meu trabalho, pela dedicação e paciência, obrigada por me manter motivada durante todo esse processo. Seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado final do trabalho. Também quero agradecer aos professores que compuseram a banca de defesa: Vitor de Moraes e Joice Konrad.

Às minhas amigas Elizângela, Viviane e Elisane que sempre me apoiaram e me ajudaram durante o curso. Também agradeço a todos os meus colegas de curso, pela oportunidade de convívio e pela cooperação mútua durante estes anos da graduação. O meu sincero agradecimento a todos os professores da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Laranjeiras do Sul, que contribuíram direta ou indiretamente durante o curso e para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo analisar a importância e a organização da atividade leiteira para as famílias do assentamento Celso Furtado, em Quedas do Iguaçu - Paraná. Para isso, a pesquisa identificou os aspectos históricos que levaram à formação do assentamento e à produção leiteira na área, a organização do trabalho familiar e a contribuição dessa atividade na composição da renda. A metodologia utilizada foi baseada em revisão bibliográfica, visitas nas unidades de produção e entrevistas, com base em roteiro semiestruturado, com as famílias do assentamento. Os resultados apontam que a atividade é responsável por uma porcentagem entre 75% e 100% na composição da renda mensal dessas famílias. O leite, além de ser vendido para os laticínios, também é usado para o autoconsumo, inclusive por meio da produção de seus derivados. Todos(as) os(as) integrantes das famílias participam do trabalho cotidiano relacionado com a produção leiteira. Nesse sentido, esta atividade é fundamental para a geração de renda por meio do trabalho familiar, possibilitando a permanência no campo.

Palavras-chave: Agricultura camponesa. Assentamento. Produção de leite.

ABSTRACT

The present work aimed to analyze the importance and organization of the dairy activity for the families of the Celso Furtado settlement, in Quedas do Iguaçu - Paraná. For this, the research identified the historical aspects that led to the formation of the settlement and the milk production in the area, the organization of family work and the contribution of this activity in the composition of income. The methodology used was based on a literature review, visits to the production units and interviews, based on a semi-structured script, with the families of the settlement. The results show that the activity is responsible for a percentage between 75% and 100% in the composition of the monthly income of these families. Milk, in addition to being sold to dairy, is also used for self-consumption, including through the production of its derivatives. All family members participate in the daily work related to milk production. In this sense, this activity is fundamental for the generation of income through family work, allowing them to remain in the countryside.

Keywords: Peasant agriculture. Settlement. Milk production.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01 e 02 – Processo de produção do queijo artesanal no assentamento Celso Furtado.....	21
Mapa 1 – Mapa da produção de leite em estabelecimentos agropecuários da agricultura familiar 2017.....	24
Mapa 2 – Localização do assentamento Celso Furtado- Paraná	28
Fotografia 03 e 04 – Pastagens usadas para alimentar o gado leiteiro no assentamento Celso Furtado	32
Quadro 1 – Equipamentos e insumos usados pelas famílias na produção de leite no assentamento Celso Furtado.....	32
Fotografia 05 – Imagem do Silo de Silagem	33
Fotografia 06 – Sala de ordenha, ordenha com tarros, Comunidade Renascer	34
Fotografia 07 – Sala de ordenha, ordenha com Transferido, Comunidade Santa Barbara.....	34
Fotografia 08 – Sala de ordenha, ordenha canalizada, Comunidade Orgânicos	35

LISTA DE SIGLAS

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

IBRA – Instituto Brasileiro de Reforma Agrária

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVO GERAL	11
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
1.3	METODOLOGIA	12
2	O CAMPESINATO E AS ESTRATÉGIAS DE TERRITORIALIZAÇÃO CAMPONESA	14
3	O ASSENTAMENTO CELSO FURTADO E AS CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO LEITEIRA	26
3.1	FORMAÇÃO TERRITORIAL DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO ..	26
3.2	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATIVIDADE LEITEIRA NO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO	30
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PESQUISA DE CAMPO	44

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho estuda a importância da produção de leite no assentamento Celso Furtado, localizado no município de Quedas do Iguaçu, onde muitas famílias trabalham com a produção de leite. Serão abordadas quais foram as dificuldades encontradas antes das famílias começarem a trabalhar com a produção leiteira e quais são os avanços que essa atividade trouxe para elas e, de um modo geral, para o assentamento. O texto também apresenta uma breve caracterização do campesinato e de quais são as estratégias usadas para a territorialização camponesa, como as lutas desses sujeitos para a permanência na terra. Trabalhamos com a hipótese de que a produção de leite foi fundamental para a melhoria na qualidade de vida das famílias do assentamento pesquisado.

A produção de leite é uma atividade importante para a agricultura camponesa, considerando que ela é uma atividade que pode ser desenvolvida em menores áreas de terra, sendo o trabalho organizado e realizado pela família. No Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017) a produção leiteira se concentra principalmente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

A agricultura Camponesa é um tipo de agricultura que se diferencia da agricultura capitalista por diversas características, entre elas, a principal, é a predominância do trabalho familiar onde cada membro desenvolve uma atividade.

A área de pesquisa foi definida como assentamento no final do ano de 2005, sendo que os acampamentos que deram origem a esse assentamento foram o José Abílio dos Santos e o 10 de Maio. Os acampados conquistaram o assentamento com lutas, práticas vivenciadas no acampamento entre 1999 e 2003, na área do Silo e da Bacia.

A área que hoje pertence ao assentamento esteve sob o domínio da Empresa Araupel S.A. durante muitos anos. As famílias moraram embaixo de barracos de lona durante o tempo em que ficaram no acampamento e muitas delas ainda permaneceram nessas moradias durante os primeiros anos de assentamento.

Portanto, ele é resultado da luta da reforma agrária do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O assentamento possuía aproximadamente 1.085 famílias no momento da sua formação.

Tenho muito interesse em estudar esse tema porque morei no acampamento com minha família e, hoje, resido no assentamento. Minha família, vizinhos e companheiros de luta trabalham com a produção de leite. No início, minha família começou a trabalhar com a produção orgânica, mas não tinha como sobreviver apenas disso, pois não tínhamos recursos para trabalhar neste sistema de produção o que nos levou a desenvolver a produção convencional. Essa situação aconteceu também com as outras famílias que integravam o grupo dos orgânicos. Depois de alguns anos, meus pais conseguiram financiamento para desenvolver a atividade leiteira e foi aí que começamos esta atividade, permanecendo nela até hoje.

Há vários tipos de atividades produtivas no assentamento, mas o que me chama mais atenção é a produção de leite, porque é a atividade predominante em grande parte das famílias. A maioria dos assentados já trabalharam ou ainda trabalham com a produção de leite.

Ainda no período do acampamento aconteciam muitas reuniões com as lideranças para as famílias escolherem o que queriam produzir e, assim, seriam divididas em comunidades, no futuro assentamento, para organizar melhor a produção. Apesar disso, algumas famílias acabaram mudando as atividades produtivas previamente definidas depois de assentadas, como apresentado em relação à produção orgânica.

Diante do exposto, temos como hipótese que a produção de leite foi fundamental para a melhoria na qualidade de vida das famílias do assentamento Celso Furtado.

1.1 Objetivo geral

- Analisar a importância e a organização da atividade leiteira para as famílias do assentamento Celso Furtado, em Quedas do Iguaçu - Paraná.

1.2 Objetivos específicos

- a. Identificar os aspectos históricos relacionados com a formação do assentamento e com a produção leiteira;
- b. Analisar como ocorre a organização do trabalho na produção leiteira no cotidiano das famílias;

- c. Compreender como são constituídas as relações com o mercado no processo de comercialização da produção e a sua importância na geração de renda familiar;

1.3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica e entrevistas com base em roteiros semiestruturados com algumas famílias do assentamento. Foram entrevistados/as agricultores/as de diferentes comunidades, considerando também os grupos que integravam no Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA): o grupo dos orgânicos; da madeira e o grupo de produção convencional.

Foram realizadas entrevistas com seis famílias entre os dias 29/06 e 05/07/2021. Essas famílias residem em diferentes comunidades, sendo uma da comunidade dos Orgânicos (Silo), uma da comunidade Santa Barbara (Silo), três da Comunidade Renascer (Silo), e uma da comunidade 10 de Maio (Bacia). Entre as famílias entrevistadas, a média de pessoas que mora na residência é de três pessoas, com exceção de uma família composta por duas pessoas. Essas famílias entrevistadas trabalham com a produção de leite e entregam o produto para diferentes laticínios: Colônia Alto do Vale; laticínio Friopac; laticínio Milklat; laticínio Lactopar; laticínio Lactolar e laticínio Latvida que estão localizados nos municípios de Cantagalo, Catanduvas, Laranjeiras do Sul, Chopinzinho e Cruzeiro do Iguaçu. A entrega do produto ocorre entre duas a quatro vezes na semana. Para abranger maior diversidade de situações relacionadas com a atividade leiteira, foram priorizadas as entrevistas com as famílias que entregam para laticínios diferentes.

No total, as famílias possuem vinte e três pessoas, com idade entre 8 e 58 anos, sendo uma criança, cinco adolescentes entre 12 e 18 anos de idade e 17 adultos. A escolaridade dessas pessoas apresenta-se da seguinte forma: nove possuem o Ensino Fundamental Incompleto; três o Ensino médio incompleto; seis o Ensino Médio Completo; quatro o Ensino Superior Incompleto e uma pessoa possui o Ensino Superior Completo.

Quatro das famílias entrevistadas pertenciam ao grupo da produção convencional, uma família ao grupo dos Orgânicos e uma ao grupo da madeira. Entre elas, apenas uma família não participou do acampamento, e obteve o lote por meio da

compra. As outras cinco participaram da ocupação da área, foram acampadas e, hoje, são assentadas.

As entrevistas foram gravadas em áudio com um aparelho celular, depois de transcritas os arquivos foram apagados. As fotos também foram tiradas com um celular e com a permissão da família entrevistada. Em função da pandemia da Covid-19, foi realizado um número reduzido de entrevistas e durante o trabalho de campo foram tomadas medidas de segurança para evitar situações de possível infecção, como o distanciamento entre a entrevistadora e os entrevistados e o uso de máscara.

A pesquisa está estruturada em dois capítulos. No primeiro capítulo apresenta as estratégias de territorialização do campesinato e como acontece a luta dos camponeses para permanecer na terra. Também oferece uma explicação sobre as principais características da produção camponesa, entre elas, a força de trabalho familiar (trabalho desenvolvido pela família na unidade de produção), o trabalho acessório (quando os camponeses deixam temporariamente suas unidades e vão para outro lugar trabalhar), o processo de socialização das crianças (quando as crianças começam a ser inseridas nos trabalhos em casa) e o trabalho temporário (trabalho por algum tempo determinado). Neste capítulo, também é apresentada a relação entre comida, terra, trabalho e família e a sua importância para os camponeses. Essa caracterização permitiu diferenciar o território do agronegócio e o território do campesinato.

No segundo capítulo é abordada a questão agrária no Brasil, materializada nos acampamentos, no campo e na cidade, em manifestações, destacando a sua relação com a concentração da riqueza e o aumento da pobreza. Também é abordada a formação territorial do assentamento Celso Furtado no contexto da luta pela terra no Brasil e na atuação do MST, além de alguns aspectos da atividade leiteira na área pesquisada.

2 O CAMPESINATO E AS ESTRATÉGIAS DE TERRITORIALIZAÇÃO CAMPONESA

Para entender como a produção leiteira acontece no assentamento Celso Furtado é importante conhecer as características da produção camponesa. Por isso, neste capítulo vamos tratar das estratégias de territorialização do campesinato, vamos ver como os camponeses lutam para permanecer na terra e quais alternativas são por eles utilizadas. Assim, serão apresentadas as características centrais da produção camponesa.

A predominância da força de trabalho familiar é uma característica estrutural da produção camponesa, como acontece nas unidades de produção nos assentamentos da reforma agrária. O trabalho é organizado e executado pela família, cada membro desenvolve um tipo de atividade, mas quando a família não dá mais conta do trabalho, pode-se completar com outras formas, que são a ajuda mútua, como por exemplo, o mutirão e a troca de dias de trabalho. Outro elemento também presente é a parceria de trabalho, quando um camponês contrata um parceiro eles passam a dividir custos e ganhos (OLIVEIRA, 2001).

Durante a pesquisa de campo, as pessoas entrevistadas relataram que no início do assentamento ocorria muita ajuda mútua, mutirões, troca de dias de trabalho, mas nos últimos anos isso foi se perdendo. Uma exceção aconteceu alguns dias antes da entrevista, conforme relato:

[...] esses dia até que os vizinhos se *reuniro* aqui e foram ajudá um vizinho que tem câncer e tinha que quebra um milho, aí os *home* foram lá pra quebrá o milho, pra dá uma ajuda né? seria legal que tivesse ainda isso, porque a gente nunca sabe o dia de amanhã né? mais aqui *nóis* tamo cada um por si e Deus por todos nós” (ENTREVISTADA A, 2021).

Os camponeses acreditam que esses costumes se perderam porque as pessoas começaram a comprar maquinários e, com isso, a família consegue dar conta dos serviços do dia a dia tornando-se assim mais independente, e quando não se consegue é pago alguém por dia de trabalho. Mesmo diante disso, o relato mostra que quando necessário a ajuda mútua ainda está presente, demonstrando a lógica camponesa presente na comunidade.

Ademais, sabe-se que algumas famílias do assentamento ainda necessitam dessa ajuda mútua dos vizinhos em determinados momentos, isso acontece, por

exemplo, nos dias em que é feita a silagem para a alimentação do gado, geralmente se troca o dia de trabalho com algum vizinho – em um determinado dia, o vizinho vai fazer a silagem e eu vou ajudar, na semana seguinte eu começo a fazer na minha unidade de produção e ele ou algum membro de sua família vem me ajudar. Também pode acontecer essa troca de serviço quando algum vizinho sai para viajar com a família toda por alguns dias, aí pede-se para um vizinho de confiança ordenhar as vacas, tratar todos os animais e quando este vizinho precisa sair, a família devolve o tempo de trabalho.

Outra marca do campesinato, como demonstra Oliveira (2001), é o trabalho acessório. Ele ocorre quando o trabalhador ganha salário por período de trabalho, esse trabalho é feito pelos camponeses quando a família tem a flexibilidade de liberar algum de seus membros para trabalhar em outro lugar. No Nordeste brasileiro, na época de estiagem, o trabalho acessório acontece através do chamado “trabalho alugado” que é quando os camponeses trabalham para os vizinhos que são grandes e médios proprietários, há também aqueles que vão trabalhar na área açucareira, e deixam suas mulheres administrando a sua “gleba”, e, na época que a chuva volta, os camponeses retornam às suas casas para realizar os plantios.

Shanin (2008, p.25) também considera que existe uma relação entre o trabalho camponês e o não camponês para o ganho de vida dos camponeses: “[...] há lugares onde as comunidades camponesas ganham a vida com novos métodos de produção e, em outros, os camponeses ganham a vida por meio da combinação do trabalho camponês e do trabalho não-camponês”.

Entre as famílias do assentamento entrevistadas, foi identificado que apenas uma pessoa exerce alguma atividade remunerada fora da unidade de produção. Trata-se de um cargo político no município. Os integrantes das famílias dos demais entrevistados não trabalham fora, alguns já trabalharam em certo período, mas nos dias atuais se dedicam exclusivamente às atividades no lote. Este é o caso do Entrevistado B (2021): “*nóis* quatro trabalhamos no lote, só minha neta que ainda não trabalha, *nóis* trabalhamos só aqui no lote mesmo porque se for trabalhar pra fora não *damo* conta dos serviços na casa”. O Entrevistado C (2021) também se manifesta neste sentido: “*nós* três trabalhamos juntos aqui no nosso lote, como tiramos leite sempre precisamos trabalhar juntos, teve um tempo que eu trabalhava pra fora, mas aí resolvi parar pra trabalhar aqui no nosso lote, sabe!”.

Os trabalhos diários são divididos entre os integrantes da família, cada um fica responsável por desenvolver uma atividade. Em sua maioria os serviços mais “pesados” ficam para os homens: arrumar os piquetes de pastos; fazer a limpeza e plantio das pastagens; tirar silagem; fazer o plantio dos pastos e cuidar da roça. Já as mulheres e os/as adolescentes ficam responsáveis por tirar o leite, tratar as vacas e organizar os serviços ao redor da estrebaria, e também realizam os outros serviços mencionados quando necessário.

As mulheres também ficam responsáveis pela produção do leite, como é o caso do Entrevistado D (2021): “Então, na verdade, sempre é minha mulher que comandou esse trabalho, agora que meus filhos estão ficando adolescentes eles estão meio que tocando sozinhos essa produção”. Os adolescentes contribuem na produção leiteira, como cita, também, o Entrevistado E (2021): “Sim, aqui todos contribuem nos serviços, meus filhos tiram silagem, fazem a limpeza da estrebaria, piquetes e me ajudam nas construções, ampliações. Minha esposa e minha filha tiram o leite, tratam as vacas e as novilhas e fazem as tarefas da casa”.

Esta é outra característica da produção camponesa apontada por Oliveira (2001): o processo de socialização das crianças pelo trabalho. As crianças são inseridas nas tarefas diárias na unidade produtiva do camponês, a partir dos 12, 14 anos de idade começam a desenvolver tarefas dos adultos.

Na agricultura camponesa o trabalho das crianças e adolescentes é considerado como uma ajuda para a família, as crianças e os adolescentes vão sendo inseridos nos trabalhos conforme a sua idade, e, assim, vão evoluindo até que quando ficam adultos trabalham todos da mesma forma, os pais e os/as filhos/as. Para Camacho (2014, p.9), se analisarmos segundo o balanço de trabalho-consumo é aí que os filhos deixam de ser apenas “bocas” e passam a ser também “braços”, a partir disso se dá a divisão de trabalho, responsabilidades das reproduções do grupo familiar”. Segundo o autor, a forma predominante encontrada é que os meninos ficam responsáveis de ajudar no trabalho do plantio, colheita e cuidar do gado e as meninas nos afazeres de casa e no quintal. De acordo com Brandão, (1999, p. 43-44 *Apud* Camacho 2014, p. 09) para os camponeses os melhores períodos para o trabalho na unidade de produção são quando os filhos atingem uma certa idade e começam a ajudar os pais nos trabalhos em casa.

[...] Melhores os períodos em que os filhos e filhas podem começar a ser convocados ao trabalho doméstico e dividem com os pais os encargos da reprodução da vida do grupo. Melhores ainda os tempos em que, entre

adolescentes e jovens solteiros, os filhos não apenas ajudam os pais, mas realizam com eles a plenitude do próprio trabalho; filhas beneficiam alimentos, cozinham, lavam roupas, cuidam de irmãos menores, limpam a casa e cuidam das alquimias do quintal; filhos ordenham vacas, tratam do gado, lavram a terra, semeiam, fazem à limpa, colhem e participam também dos muitos e não raros difíceis serviços de reparos de material de trabalho ou da própria residência.

Essa forma de trabalho (processo de socialização das crianças pelo trabalho) que é uma das características da produção camponesa é também muito presente nos assentamentos de reforma agrária, geralmente as crianças e os/as adolescentes estudam meio período e no restante do dia ajudam os pais nos afazeres diários na produção.

A produção camponesa é uma forma de produção específica que busca aquilo que precisa na própria terra, seja plantações, criação de gado, e isso é usado para o consumo da família, sendo o excedente vendido. Na opinião de Camacho (2010, p. 4), “do ponto de vista econômico, a produção camponesa pode ser pensada como uma relação social não-capitalista por que isso significa uma forma de produção/circulação de mercadorias simples [...]”.

Portanto, são várias as características que distinguem a agricultura camponesa dos outros tipos de agricultura, alguns exemplos que temos é que a agricultura camponesa precisa de espaços para realizar seus potenciais, um espaço político e econômico. Outra característica é em relação à disponibilidade de recursos. Segundo Ploeg (2009, p.22):

Uma terceira característica diz respeito à composição quantitativa da base de recursos: a força de trabalho será sempre relativamente abundante, enquanto os meios de trabalho (terra, animais, etc.) serão relativamente escassos. Em associação com a primeira das características distintivas, isso significa que a produção camponesa tende a ser intensiva: a produção por cada unidade de trabalho será relativamente alta e a trajetória de desenvolvimento será moldada como um contínuo processo de intensificação baseado no trabalho.

A natureza qualitativa das inter-relações próprias, a base dos recursos também é importante, a base dos recursos não pode ser separada em categorias, os recursos sociais e materiais devem ser articulados em uma unidade orgânica entre os envolvidos diretamente no trabalho. A produção e o futuro da unidade camponesa se estruturam com base na quantidade e da qualidade da força de trabalho que é desenvolvida, isso

se relaciona com a importância de investimentos no trabalho e nas tecnologias empregadas.

Deve-se dar importância à qualidade da relação entre a unidade de produção camponesa e o mercado. Essas são as características da agricultura camponesa. Assim como Ploeg (2009), Oliveira (2001) também detalha a organização da produção camponesa em relação a este aspecto. Para este último autor, entre os elementos que marcam a produção camponesa, está a contratação eventual de força de trabalho assalariada, que acontece em momentos específicos, geralmente na época de colheita, pois esse é um trabalho que exige muita mão de obra e é um trabalho que precisa ser feito com certa urgência, então são contratados trabalhadores temporários.

A propriedade dos meios de produção também é um elemento característico do campesinato. Segundo Oliveira (2001, p. 63):

Além da propriedade da terra, outro elemento da produção camponesa é a propriedade dos meios de produção, que na sua maioria são adquiridos, portanto, são mercadorias. Uma parte desses meios é produzida pelos próprios camponeses, não assumindo assim forma mercadoria. E com relação ao acesso a essas mercadorias, meios de produção, que o camponês trava relação com o capital. É por esse processo que parte da renda vai ser drenada para o setor bancário e industrial, pois os empréstimos financeiros fazem parte da dinâmica de reposição desses meios de produção, e - por que não dizer? - do próprio acesso do camponês a essas mercadorias. Isso sem falar do processo de subsistência do camponês que se utiliza dos empréstimos para adquirir produtos de sua necessidade básica.

De acordo com Oliveira (2001, p.62), quando um camponês não possui terra ou perdeu a sua terra, ele pode ter acesso a ela, e uma das formas é por meio do pagamento pelo uso da terra em produtos, em dinheiro, ou em dias de trabalho. Mas há também aqueles camponeses que geralmente estão em conjuntos que não têm acesso à terra e não querem pagar por ela, tornando-se posseiros. Sendo assim, conforme Oliveira (2001, p. 63): “é assim, pois, baseados no acesso à propriedade e/ou posse da terra, que os camponeses diferenciam-se internamente. Desse processo nascem os *camponeses-proprietários*, os *camponeses-parceiros*, os *camponeses-rendeiros* e os *camponeses-posseiros*.”

Os camponeses possuem uma maneira particular de viver, trabalhar, de enfrentar as crises, eles possuem uma forma de organização econômica também diferenciada para conseguir enfrentar essas crises, os camponeses costumam ser muito flexíveis na produção e no trabalho para garantir que a família tenha condições de permanecer no campo. De acordo com Shanin (2008, p. 25 e 26).

A flexibilidade de adaptação, o objetivo de reproduzir o seu modo de vida e não o de acumulação, o apoio e a ajuda mútua encontrados nas famílias e fora das famílias em comunidades camponesas, bem como a multiplicidade de soluções encontradas para o problema de como ganhar a vida são qualidades encontradas em todos os camponeses que sobrevivem às crises. E, no centro dessas particularidades camponesas, está a natureza da economia familiar.

Shanin (2008) aponta que há duas formas de organização socioeconômica, a do mercado (capitalismo) e a economia estatal, nem uma dessas formas é pura, uma é ligada à outra. Depois, existe um terceiro modelo de organização socioeconômica que foi chamado de economia informal ou economia familiar. A economia familiar integra o sistema econômico, ela é tão importante, eficiente e poderosa quanto os outros dois primeiros modelos quando se trata de resolver dificuldades financeiras. Essa economia ainda está presente no nosso sistema como prova de que ela é capaz de resolver problemas que os outros modelos até tentaram, mas não conseguiram.

Shanin (2008) também considera que devemos aprender com os camponeses as formas de viver, de resolver os nossos problemas e de enfrentar as crises e não querer ensiná-los como viver:

[...] Especialmente aprender a partir da criatividade e multiplicidade de respostas dos camponeses em situações de crise e de sua capacidade para usar a família como instrumento para se defender de calamidades. A família pode empregar sua mão-de-obra de diferentes maneiras e, agregando os resultados de seu trabalho, manter-se reunida e proteger-se de maiores danos. Em certas situações em que não há crédito no banco para os camponeses, eles podem obter crédito com parentes. Tudo isso é extremamente importante e pode ser visto claramente quando estudamos o campesinato de maneira séria, buscando compreendê-lo e buscando decifrar junto com ele o que e como fazer, e não, ensinar a ele o que fazer. (SHANIN, 2008, p. 29)

A produção da comida é considerada fundamental para a reprodução material camponesa. Existe uma relação entre comida, terra, trabalho e família: “A comida ela é a fonte de reprodução familiar conseguida por meio do trabalho na terra” (CAMACHO, 2014, p.12). E é através dessa produção de alimentos que acontecem os laços de solidariedade e sociabilidade dos camponeses, sendo assim “terra” e “alimento” tem uma grande relação. Ainda, de acordo com Camacho (2014, p.14):

O camponês tem uma forma de enxergar a plantação de alimentos que se diferencia do cidadão, tendo em vista que vê nela a sua realização do trabalho. Assim, o cultivo de alimentos expressa uma subjetividade que vai além da simples reprodução física do indivíduo. E quando a recriação camponesa se

realiza na luta esta característica passa ser elemento de afirmação da identidade camponesa [...].

No assentamento Celso Furtado, a forma de produção é a policultura, os camponeses trabalham com diferentes plantações diversificando a fonte de renda, a produção é usada para autoconsumo e também para comercialização. Para o autoconsumo, entre os principais produtos, estão: o leite, o feijão, a carne, o arroz, a batata-doce, a mandioca, as verduras e o milho; já para a comercialização em primeiro lugar aparece o leite, depois a soja e o milho, em alguns casos também o trigo. Conforme o Entrevistado A (2021):

Aqui *nóis* produz um *poco* de tudo né, pra manter a casa e pra vender também. Pra vende *nóis* tira o leite, *prantamos* o soja, o milho e as vezes trigo, pra manter a casa *prantamos* verduras na horta, mandioca, batata doce, temos carne também que matamos os bichinho boi e porco, já *plantamo* *arroiz* uma vez, mas agora não *plantamo* mais, o *fejão* *plantamo* todo ano e quando *produiz* bem aquele que sobra *nóis* vende, e *usamo* o leite também pra fazer alguns doce.

Na produção leiteira, apenas o leite é comercializado, os derivados produzidos pelos camponeses são destinados para o autoconsumo da família, entre os derivados estão: queijos, nata, manteiga, doces e bolachas. Os Entrevistados E e F¹ (2021) ao serem perguntados se o leite também é destinado ao autoconsumo e quais produtos são produzidos, respondem: “sim bastante, fazemos queijos, doces, bolachas, nata, soro, manteiga, fazemos só pra nós mesmo, o soro nós *usamo* pra tratar os porcos junto com a quirera”. Eles ainda acrescentam: “*nóis* não tomamos leite, mas usamos pra fazer um queijinho de vez em quando, no mais usamos pra fazer bolachas, enfim, *nóis* usamos mais pra fazer doces”. Isso pode ser observado nas imagens 01 e 02 que mostram o queijo feito pelos camponeses.

¹ Os entrevistados E e F aparecem juntos na transcrição pois as suas falas se complementam. Esta forma de apresentação facilita o entendimento da ideia.

Fotografias 01 e 02 – Processo de produção do queijo artesanal no assentamento Celso Furtado



Fonte: Fotografias registradas pela autora (2021).

Vale mencionar também um outro elemento da produção camponesa, conforme Oliveira (2001), a sua jornada de trabalho. Essa é uma realidade particular de cada família, como a sua necessidade de trabalho está relacionada com a época do ano, e com o que é cultivado, a família camponesa trabalha durante o dia e, se for preciso, durante a noite, estendendo a sua jornada de trabalho.

Estes elementos do campesinato são responsáveis pela sua territorialização no campo brasileiro. Para Shanin (2008, p.24) existem dois processos que envolvem o campesinato, o primeiro é a sua própria criação que acontece em vários países e que se dá a partir de políticas públicas, quando pessoas que não são camponeses ou pessoas sem-terra são contemplados com a redistribuição fundiária. O segundo processo é o de criação e recriação do campesinato. O autor apresenta o seguinte exemplo da Rússia para demonstrar que esse processo não acontece apenas no Brasil. Conforme Shanin (2008, p. 24).

[...] Na Rússia atual, há muitas vilas que são consideradas 'vilas mortas', nas quais só se encontram mulheres idosas morando nelas e metade das casas já não existe mais. As pessoas abandonaram essas vilas, especialmente em lugares em que a agricultura era difícil e a terra era ruim. Contudo, desde que houve o colapso da União Soviética, há russos retornando de outras ex-repúblicas soviéticas como a Geórgia e o Kazaquistão, com o objetivo de se

fixarem em seu próprio ambiente étnico. Quando eles chegam, descobrem que é extremamente difícil se estabelecer, que a vida é muito cara na cidade e que não há lugar para eles, então, muitos decidem morar nas vilas. Eles são geralmente os mais jovens e fortes membros das comunidades residentes nas vilas hoje.

Dessa forma, acontece o processo de reestabelecimento do campesinato. No Brasil, esse processo envolve também decisões governamentais, mobilizações e ações dos camponeses que reivindicam as terras, como é o caso do assentamento que está sendo estudado.

Esses processos e ações são responsáveis pela criação dos territórios camponeses. Fernandes (2008) destaca que o território sempre foi estudado a partir das relações de poder, não é possível compreender o conceito de território sem considerar as relações de poder e disputas envolvidas na sua formação. Conforme o autor citado: “[...] quando nos referimos ao território como propriedade particular individual ou comunitária, o sentido político da soberania pode ser explicitado pela autonomia de seus proprietários na tomada de decisões a respeito do desenvolvimento desses territórios.” (FERNANDES, 2008, p.279). Temos, portanto, na lógica camponesa um tipo específico de território.

O território é uma relação social, é uma forma de expressão, o território é redefinido constantemente no cotidiano, ele é multidimensional - político, econômico, cultural. Para Eduardo (2006) “os territórios e suas respectivas territorialidades adquirem incontáveis possibilidades de manifestações no espaço geográfico e no tempo, muito além daquela puramente dirigida por um aparelho estatal”.

É importante lembrar das disputas territoriais, já que temos uma grande disputa entre o capital e o campesinato, nos assentamentos de reforma agrária essa luta acontece entre os latifúndios capitalistas e o campesinato. Esses territórios são territórios diferentes, esses dois tipos de território disputam o território nacional. Para explicar melhor essa conflitualidade, Fernandes (2008) apresenta diferentes tipos de território: “o primeiro território é formado pelos espaços de governança em diferentes escalas: nacional, regional, estadual, municipal, distrital. O segundo território é formado pelos diferentes tipos de propriedades particulares” (FERNANDES, 2008). De acordo com Fernandes (2008), podemos considerar a existência de dois tipos de território: o território do estado e os diferentes tipos de propriedades particulares. Eles possuem características comuns, mas também particulares. De acordo com Fernandes (2008, p. 283):

O segundo território pode ser contínuo ou descontínuo, pertencer a uma pessoa ou instituição ou a diversas pessoas ou instituições. A caracterização fundamental é a relação social que o produz. O segundo território pode ser um todo ou parte, pode ser uma casa ou parte dela; uma empresa ou parte, uma universidade ou parte, uma igreja, um sindicato etc.[...].

O território do agronegócio se dá com o processo de monoculturas em grande escala, trabalho assalariado, mecanização, uso de agrotóxicos e sementes transgênicas. Já o território do campesinato ou agricultura familiar acontece com a policultura produzidas em pequena escala, a predominância é o trabalho familiar, pouca mecanização e tem base na biodiversidade. A disputa de um território também é a disputa do outro, pois mesmo sendo dois tipos opostos eles estão no mesmo território nacional, ou seja, do Estado. Fernandes (2008, p.285) apresenta a diferença entre o território do campesinato e o território camponês nos seguintes termos:

[...] enquanto o agronegócio organiza seu território para produção de mercadorias, o grupo de camponeses organiza seu território, primeiro, para sua existência, precisando desenvolver todas as dimensões da vida. Esta diferença se expressa na paisagem e pode ser observada nas distintas formas de organização dos dois territórios. A paisagem do território do agronegócio é homogênea, enquanto a paisagem do território camponês é heterogênea. [...].

Mesmo com as empresas capitalistas disputando os territórios com os movimentos sociais, os movimentos camponeses e indígenas estão resistindo a esse processo de disputa. Assim, a agricultura de base familiar ou camponesa resiste no campo e cria estratégias de territorialização.

De acordo com os dados do Censo Agropecuário de 2017, 66,3% das atividades agropecuárias são desenvolvidas pela agricultura familiar². No que se refere à escolaridade, 73,6% dos agricultores familiares sabem ler e escrever e a maior parte deles é das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Esses agricultores possuem o ensino

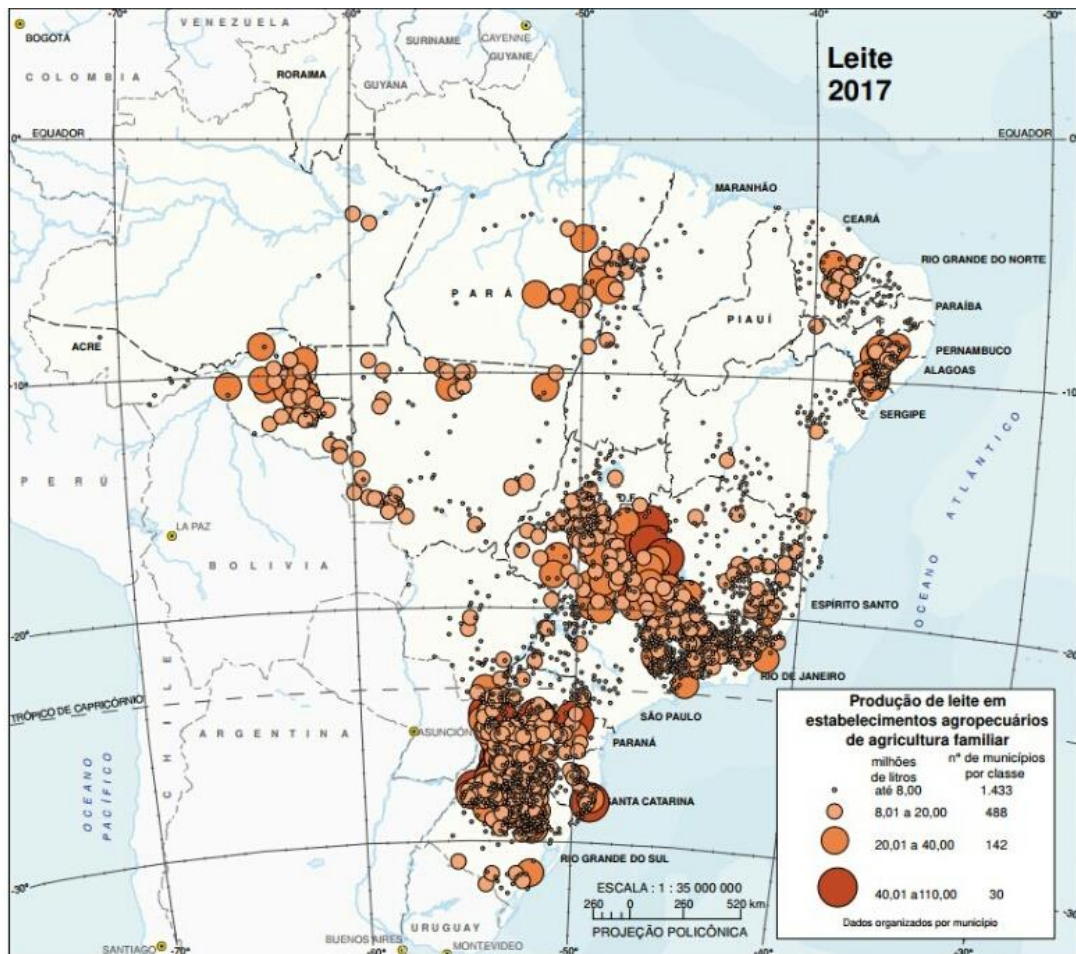
² O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), caracteriza a Agricultura Familiar a partir da Lei Nº11.326, de 24 de julho de 2006. Para ser considerado agricultor familiar ou familiar rural que é a pessoa que desenvolve atividades no meio rural, precisa atender os seguintes requisitos. Segundo (BRASIL, 2006): I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; (Redação dada pela Lei nº 12.512, de 2011);IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

fundamental completo, ensino médio completo e/ou que concluíram o ensino superior; a maior proporção de agricultores com nível superior completo está em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo (IBGE, 2017).

Na produção da agricultura familiar destaca-se o milho, a mandioca, o feijão, o arroz, a soja, o trigo, o café, os bovinos, as aves, os suínos, o leite e a produção orgânica. De acordo com os dados do IBGE (2017), os cinco principais produtos são: milho (aproximadamente 10 bilhões de toneladas); soja (9 bilhões de toneladas); mandioca (4 bilhões de toneladas); arroz (1 bilhão de toneladas); café (1 bilhão de toneladas).

A produção de leite da agricultura familiar, segundo dados do IBGE (2017), ocorre principalmente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, como podemos observar no mapa.

Mapa 01 – Produção de leite em estabelecimentos agropecuários da agricultura familiar – 2017



Fonte: IBGE, (2017, p. 310).

Diante do exposto, percebemos que o território camponês é formado por meio da luta pela terra, a luta pela terra é feita pelos movimentos sociais, que são organizações de muitas pessoas que lutam pelo mesmo objetivo, no nosso caso, as pessoas que lutam pela terra, lutam pela reforma agrária. Na sequência, trataremos de detalhar a formação do assentamento Celso Furtado, enquanto parte da questão agrária brasileira, e da produção leiteira nele desenvolvida.

3. O ASSENTAMENTO CELSO FURTADO E AS CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO LEITEIRA

Neste capítulo será abordado brevemente a luta pela reforma agrária no Brasil realizada pelos movimentos sociais, principalmente pelo MST. Será apresentado, também, o que é um acampamento de movimentos sociais e como ocorreu a formação territorial do assentamento Celso Furtado, bem como serão apresentados dados sobre a produção do assentamento, em especial, a produção leiteira.

3.1 FORMAÇÃO TERRITORIAL DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO

De acordo com Gonçalves (2005) a questão agrária brasileira é um tema complexo, cada autor segue o seu raciocínio na análise defendendo sua própria visão de mundo. A questão agrária está presente no cotidiano dos brasileiros, mesmo ficando muitas vezes despercebida, ela se apresenta nos acampamentos, nas manifestações nas estradas e nas ocupações, presente no campo e na cidade, estando relacionada com a concentração de riqueza, o aumento da pobreza e da miséria.

A conflitualidade no campo é resultado de um enfrentamento da luta de classes. Com as lutas de direitos no campo rompe-se o poder das oligarquias latifundiárias e o debate da reforma agrária vai para o plano nacional. Assim, a questão agrária torna-se uma questão nacional, a emergência das Ligas Camponesas e de outros movimentos sociais acontece na chamada “primavera democrática”, no fim da Segunda Guerra Mundial, quando o país estava sob o regime da ditadura militar. Durante a ditadura militar, em 1964, foi criado o Estatuto da Terra que deu origem ao Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA), mantendo o reconhecimento legal da Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG) e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O Estatuto da Terra, em seu texto, apresentava a necessidade de acesso à terra aos camponeses. O IBRA, por sua vez, tinha como objetivo acalmar as tensões sociais principalmente aquelas relacionadas às disputas por terra, servindo como instrumento para criar a falsa ideia de que a reforma agrária aconteceria (GONÇALVES, 2005).

Com o desemprego ou o subemprego gerado no campo (pela mecanização da agricultura, entre outros processos), na indústria e no comércio, os trabalhadores (rurais e urbanos), assalariados e boias frias têm uma tendência a se tornarem camponeses,

seja por meio da ocupação de terras ou usando os créditos fundiários. A ocupação de terras também é uma forma dessas pessoas que perderam o emprego conquistarem um novo trabalho (FERNANDES, 2008).

A luta pela reforma agrária no Brasil durante a ditadura militar tinha um impasse histórico que era mantida a permanência para essa luta, era necessário achar uma forma de controlar os problemas sociais e políticos do momento. Para Martins, (1999, p.106),

O impasse histórico, a contradição entre terra e capital, que sustentava a luta remanescente pela reforma agrária, se resolveria pelo caminho inesperado e pelo antimodelo de um capitalismo rentista. Para administrar e controlar os problemas sociais e políticos que pudessem advir dessa opção, o regime militar editou o Estatuto da Terra e promoveu a reforma constitucional que tornaria aquela reforma agrária possível. O próprio golpe de Estado selara de vez não só a modalidade de reforma agrária politicamente tolerável, mas também seu lugar limitado nas transformações históricas futuras, o que a Constituição de 1988, editada com livre e clara participação das esquerdas, e contra sua vontade, limitou mais ainda.

Foi nesse contexto que surgiu o MST. É um movimento social composto por indivíduos que lutam por uma causa, nesse caso, principalmente pelo acesso a terra. Ele surgiu em 1984, tendo como objetivo a luta pela terra, pela reforma agrária e contra o latifúndio. O MST organiza acampamentos para materializar e fortalecer essa luta.

Os acampamentos 10 de Maio (criado em 1999) e José Abílio dos Santos (criado em 2003) foram organizados pelo do MST no município de Quedas do Iguaçu. Os integrantes desses acampamentos eram pessoas excedentes dos outros assentamentos próximos dos municípios de Rio Bonito do Iguaçu e Laranjeiras do Sul e, também, pessoas que vieram de outras regiões do Paraná. De acordo com Fernandes (2012, p. 23):

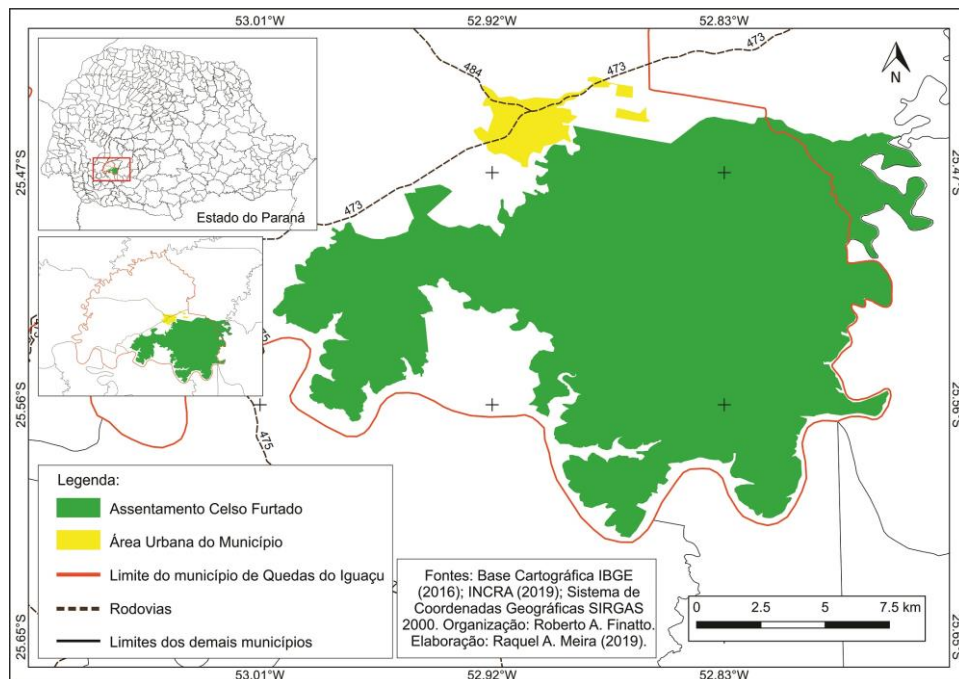
acampamento é um espaço de luta e resistência. É a materialização de uma ação coletiva que torna pública a intencionalidade de reivindicar o direito à terra para produção e moradia. O acampamento é uma manifestação permanente para pressionar os governos na realização da Reforma Agrária. Parte desses espaços de luta e resistência é resultado de ocupações de terra; outra parte, está se organizando para preparar a ocupação da terra. A formação do acampamento é fruto do trabalho de base, quando famílias organizadas em movimentos socioterritoriais se manifestam publicamente com a ocupação de um latifúndio.

As famílias que tomam a decisão de ir para um acampamento buscam um lugar para morar e trabalhar, geralmente porque já estão cansadas de trabalhar como

empregados em fábricas, frigoríficos, como diaristas, ou seja, querem ter maior autonomia, qualidade de vida e não ficar dependente do salário no final do mês.

No ano de 2004 os dois acampamentos mencionados deram origem ao assentamento Celso Furtado, localizado, em sua maior parte, em Quedas do Iguaçu (Mapa 01). O nome do assentamento foi escolhido por meio da indicação de nomes e, depois, pela votação das famílias acampadas, das áreas do Silo e da Bacia. O nome de um assentamento é escolhido para homenagear um militante que perdeu a vida na luta pela terra ou uma pessoa que apoia(va) e se dedica(va) ao movimento.

Mapa 02 – Localização do assentamento Celso Furtado - Paraná



Fonte: Silva, Finatto e Eduardo (2020, p.117).

Um assentamento de reforma agrária é formado pela desapropriação de terras que não cumprem a sua função social. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) possui a competência para formular e executar a política nacional fundiária, esse órgão é responsável pela compra da área e regularização das famílias que serão assentadas, os movimentos sociais também fazem parte desse processo. Segundo Leite (2012, p.110):

A emergência dos assentamentos rurais no cenário da questão agrária brasileira é um dos fatos marcantes que caracterizam especialmente o período que vai da década de 1980 até os dias atuais. Com os assentamentos, ganham projeção também os seus sujeitos diretos, isto é, os assentados rurais, bem como os movimentos e as organizações que, em boa parte dos casos,

garantiram o apoio necessário para que o esforço despendido ao longo de lutas as mais diversas resultassem na constituição de projetos de Reforma Agrária, também conhecidos como assentamentos rurais. Assim, em diferentes situações, número expressivo de trabalhadores que participaram de processos de ocupação de terra deixaram de ser acampados para se tornarem, num momento seguinte, assentados.

Quando as pessoas ainda estão nos acampamentos são divididas em vários grupos e cada família escolhe o grupo que mais se identifica e tem interesse de trabalhar. No caso dos acampamentos 10 de Maio e José Abílio dos Santos, existia o grupo dos orgânicos, da madeira e o grupo da produção convencional. Eram realizadas reuniões para tomada de decisões e as definições de como seria a organização após a formação do assentamento.

Entre os entrevistados, três disseram que já identificavam a produção de leite como uma alternativa durante o período do acampamento, e os outros três responderam que não tinham ainda a intenção de trabalhar com essa atividade, pois não sabiam ao certo o que seria possível produzir no lote. De acordo com o Entrevistado E (2021), que participou do grupo dos Orgânicos, a produção de leite não era muito incentivada no acampamento, o incentivo maior era para a produção de grãos. Segundo ele:

não tinha muitos incentivo, na verdade o que era mais considerado era a plantação de grãos e a produção orgânica, mas pela nossa família era uma alternativa sim, a gente sonhava no plantio orgânico né, mas também queria ter as vaquinhas de leite porque já via outros assentados que tinham essa atividade, e quando a gente viu que o orgânicos não dava pra viver a gente decidiu se dedicar na produção de leite.

A produção de leite foi definida por algumas famílias como uma alternativa para a geração de renda quando elas ainda se encontravam no acampamento. Decidiram trabalhar com leite por vários motivos, um deles é porque conheceram produtores de outros assentamentos que conseguiam gerar renda com a atividade e, assim, permanecer nos seus lotes. Outro fator, é o fato de ser um trabalho que pode envolver toda a família.

Além disso, os financiamentos para a produção leiteira são mais acessíveis do que para outras áreas, já que não envolve quantidades significativas de recursos - por não terem os títulos das propriedades os assentados conseguem financiamentos de valores baixos. Os assentados não conseguem acessar empréstimos de maior vulto nos bancos porque não possuem bens para penhorar, por isso a figura do avalista é

também necessária. Assim, caso o responsável pela dívida não a pague, os avalistas têm que pagar ou ficarão com seus nomes bloqueados para empréstimos futuros ou qualquer outra compra que não seja à vista.

Mesmo depois de ter sido criado o assentamento, demorou algum tempo para a liberação dos recursos para a compra de gado leiteiro, resfriadores, ordenhadeiras, maquinários agrícolas etc. Assim, alguns integrantes de muitas famílias foram trabalhar fora da unidade de produção com o objetivo de garantir os recursos financeiros necessários para a manutenção da unidade de produção.

3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATIVIDADE LEITEIRA NO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO

Conforme o Censo Agropecuário, a produção de leite de vaca vem crescendo quando comparada com os anos anteriores. No ano de 2017, ela ultrapassou os 30 bilhões de litros, houve uma diminuição na quantidade de vacas ordenhadas, mas um aumento de produção por vaca. No ano de 1970, para efeitos de comparação, a quantidade de litros produzidos era 6.303.094 por ano com 9.302.094 vacas produzindo leite; já no ano de 2017 ocorreu um grande avanço na produtividade, pois o número de vacas em lactação era de 11.506.788, produzindo 30.156.279 de litros de leite (IBGE, 2017).

No Celso Furtado, a produção de leite está relacionada com a questão econômica das famílias. Para Marcelites (2018, p.89):

Entre as atividades desenvolvidas no assentamento sem dúvida que a pecuária do leite é mais amplamente realizada, sendo possível observar em praticamente quase todas as unidades produtivas como a principal fonte de renda. Durante o período de prestação de serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) desenvolvidas por entidades como o CEAGRO em convênio com o INCRA, os produtores tiveram contato com novas técnicas principalmente da utilização do método de Pastoreio Voisin (PRV) e da alimentação de animais o que possibilitou aumento significativo na produção, tornando assim a atividade econômica mais praticada pelos assentados, em raros casos são os lotes que o leite é suplementar as demais.

Agostinho (2009) e Carvalho (2012) *apud* Tonet (2016, p. 04 e 05) também abordam a importância da atividade leiteira para a composição da renda familiar:

Ainda que havendo redução no número de pequenas propriedades, a produção de leite por agricultores familiares no país é uma prática recorrente, além da

obtenção mensal de renda, ela pode ser praticada em áreas com topografia menos favorável à agricultura. Quando há outras fontes de renda, a atividade leiteira serve como um complemento na renda familiar e auxilia no custeio das atividades agrícolas como um todo, além de garantir uma entrada mensal de recursos financeiros na propriedade.

Além das atividades produtivas já mencionadas, também ocorre, no assentamento, o arrendamento de terras para a produção de milho e soja para pessoas não assentadas ou, até mesmo, para vizinhos que possuem melhores condições financeiras de trabalhar na terra. Geralmente, essas famílias que arrendam suas terras fazem um “contrato” com duração de três a cinco anos. Porém, esse “contrato” não é registrado nem assinado pelas partes, é mais uma questão de combinado entre os agricultores envolvidos.

Entre as famílias entrevistadas, nenhuma arrenda seu lote para outras pessoas, quatro delas arrendam o lote de seus vizinhos, uma delas arrenda a pastagem para colocar a criação de gado leiteiro e as outras três arrendam para fazer plantio de milho, geralmente usado para fazer a silagem, de soja, feijão e trigo destinados para a comercialização.

A alimentação do gado leiteiro do assentamento, em sua maioria, é feita à base de silagem e pasto, como pode ser observado nas figuras 03 e 04. Também são usados ração e farelo de soja e sais melhorados para repor os minerais e vitaminas que o gado necessita. O pasto, seja ele grama ou capim, é usado por todos os produtores de leite entrevistados como o principal alimento para o gado leiteiro, e também a silagem, que principalmente no inverno tem um papel muito importante.

Fotografias 03 e 04 - Pastagem usada para a alimentação do gado leiteiro, no assentamento Celso Furtado.



Fonte: Fotografias registradas pela autora (2021).

Em relação aos equipamentos e insumos utilizados na atividade leiteira, temos a seguinte situação entre as famílias camponesas entrevistadas do assentamento Celso Furtado, conforme quadro 1:

Quadro 1 – Equipamentos e insumos usados pelas famílias na produção de leite no assentamento Celso Furtado.

Item empregado na atividade leiteira	Número
Trator	4
Plantadeira	1
Ordenhadeira	6
Sala de ordenha	4
Estrebaria	6
Resfriador	6
Farelo, ração	3
Silagem	6

Fonte: autora (2021).

As famílias que não possuem trator, plantadeira, ensiladeira e/ou carreta usam os maquinários das associações, a qual fazem parte. A associação possui quase todos os maquinários usados pelos camponeses, principalmente para a produção da silagem (figura 05). As famílias que não integram a associação contratam pessoas para fazer os serviços. Conforme o Entrevistado E (2021) “usamos a plantadeira, carreta e ensiladeira e também o trator da associação pra fazer silagem porque na silagem precisa de um trator pra cortar a silagem e outro pra socar a silagem, aí da associação sai mais barato pra nós”.

Fotografia 05 - Silo de silagem usada para alimentar o gado leiteiro.



Fonte: Fotografias registradas pela autora (2021).

A sala de ordenha é um espaço próprio para ser feito a ordenha das vacas, esse espaço fica dentro da estrebaria, nessa sala, as vacas só entram no momento em que vão ser ordenhadas e, depois, saem para a pastagem ou para os coxos onde vão sendo alimentadas. A sala de ordenha deve ser separada do restante da estrebaria para se ter uma melhor qualidade do leite, o fosso (que pode ser observado nas três figuras 06, 07, 08, a seguir) facilita o trabalho de quem faz o manejo das ordenhas.

Entre os entrevistados, foram encontrados três diferentes tipos de ordenhadeiras. Na figura 06 vemos uma ordenhadeira em tarros, onde o leite passa pelas mangueiras e vai para o tarro e, depois, é despejado no resfriador de leite. Na figura 07 observa-se que a ordenhadeira com transferidor de leite é diferente, pois ela tem um tambor que geralmente fica dentro da sala de ordenha no meio do fosso para facilitar que os conjuntos de ordenha alcancem em todas as vacas; o leite passa por dentro desse tambor e vai por uma outra mangueira direto para o resfriador de leite. Na

maioria dos casos, como pode-se observar nas figuras 06 e 07, são dois conjuntos de ordenha.

Fotografia 06 – Sala de ordenha, com ordenha no tarro, Comunidade Renascer/Silo.



Fonte: Fotografias registradas pela autora (2021).

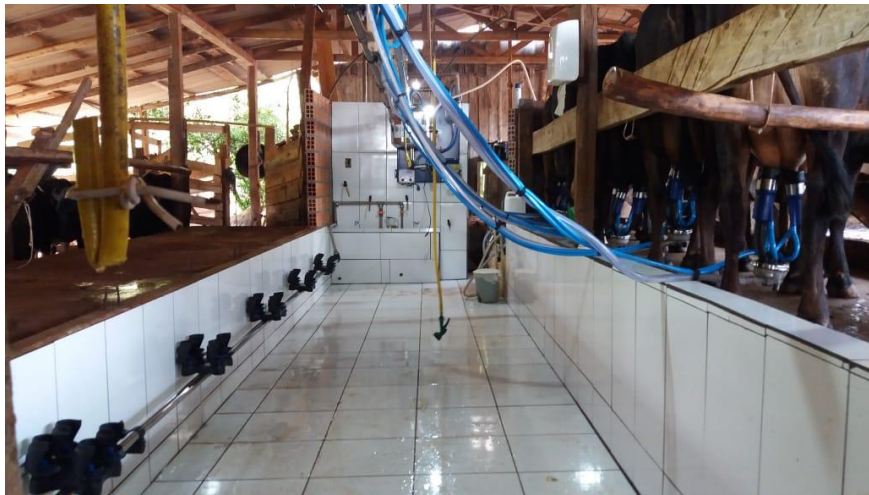
Fotografia 07 – Sala de ordenha, ordenha com transferidor, comunidade Santa Barbara/Silo.



Fonte: Fotografias registradas pela autora (2021).

Já na figura 08, a ordenhadeira canalizada é diferente (a sala de ordenha ainda está em processo de construção, segundo o Entrevistado E). Ela tem cinco conjuntos de ordenha, o leite vai para um tambor que fica dependurado na parede da sala de ordenha e, na sequência, vai direto para o resfriador de leite.

Fotografia 08 – Sala de ordenha com ordenha canalizada, comunidade Orgânicos/Silo.



Fonte: Fotografias registradas pela autora (2021)

Em relação ao preço recebido pelo leite, as famílias se organizam para aumentar o valor recebido pelo leite, fazem reuniões com os gerentes dos laticínios, conversas informais entre as famílias para avaliar o preço que recebem e aquele que poderiam receber. Um desejo dos produtores é que mais algum laticínio maior se instale no município de Quedas do Iguaçu, isso facilitaria a coleta do produto, principalmente nos dias de chuva, e também manifestaram o desejo de que esse laticínio pagasse um preço justo pelo leite, para que os agricultores possam manter ou aumentar a sua produção.

O laticínio existente em Quedas do Iguaçu é pequeno e, segundo os produtores, o preço pago é mais baixo do que o preço dos laticínios outros municípios, ainda, apenas um laticínio pequeno não dá conta de absorver todo o leite que é produzido no assentamento. Vale ressaltar que embora os agricultores visualizem benefícios com a instalação de um laticínio de maior porte no município, isso não resulta, necessariamente, em vantagens para esses produtores caso a lógica de funcionamento siga as regras de mercado.

O leite produzido no assentamento é vendido para laticínios de fora da cidade. Quedas do Iguaçu também possui um laticínio, porém pequeno e produz queijo e alguns derivados. Então, os laticínios de Cantagalo, Catanduvas, Laranjeiras do Sul, Chopinzinho, Cruzeiro do Iguaçu, entre outros municípios enviam seus caminhões para recolher o leite no assentamento. As famílias assentadas também usam a produção de leite para consumo próprio.

Os laticínios que atuam no assentamento são: Colônia Alto do Vale que está localizado em Catanduvas-PR; laticínio Friopac, de Quedas do Iguaçu-PR; laticínio Milklat, de Cruzeiro do Iguaçu-PR; laticínio Lactopar, de Laranjeiras do Sul-PR; laticínio Lactolar, de Cantagalo-PR e laticínio Latvida, de Chopinzinho-PR. A entrega do produto ocorre entre duas a quatro vezes na semana.

Na maioria dos casos, o caminhão passa fazendo a coleta do leite a cada dois dias, mas nos locais onde a produção é baixa e a coleta do produto é feita a cada quatro dias, nos dias de chuva, como relatam os produtores, o caminhão fica até uma semana sem realizar a coleta.

O leite que sai do assentamento para os laticínios é usado para a produção de queijo, iogurte, leite desnatado, semidesnatado e integral (em caixinhas e pacotes), requeijão e alguns outros derivados do leite.

Para a entrega do leite para os laticínios não são feitos contratos, apenas um produtor citou que faz uma espécie de acordo verbal com o laticínio. Segundo ele:

[...] geralmente o motivo da troca [de laticínio] é por causa do preço ruim, a gente conversa com o gerente do laticínio e fala que não vamos mais entregar e ele paga o leite que foi entregue, e entregamos pra outro que pague um preço melhor e que tenha disponibilidade de pegar o leite. Existe um certo contrato verbal, mas nada assinado, a gente pode trocar quando quiser (ENTREVISTADO E, 2021).

A troca de empresa pode ser feita a qualquer momento, nada impede que o produtor faça essa troca, de acordo com os relatos dos entrevistados o principal motivo da troca é o descontentamento com o preço. Quando o preço baixa muito e o produtor recebe oferta de outro laticínio que possa pagar um pouco mais, faz a troca. Os laticínios que atuam no assentamento não pagam por qualidade do leite, alguns laticínios pagam um preço mais alto para aqueles produtores que produzem mais leite, que atingem uma certa média mensal de quantidade de leite entregue.

O principal motivo que levou as famílias do assentamento Celso Furtado a se dedicarem à produção de leite foi a questão financeira, porque o leite, diferente da

maioria dos cultivos agrícolas, possibilita uma renda mensal e, a partir dessa renda, as famílias conseguem organizar as finanças. Assim, é possível também se ter uma base de qual será a renda do próximo mês, outro incentivo que as famílias relataram foi que tiveram como exemplo amigos e parentes de assentamentos vizinhos que trabalham com essa produção. Conforme diz o Entrevistado A (2021):

Nóis começemos a *tirá* leite porque quando tava no acampamento eu já tinha uma vaquinha e o leite *nóis* usava pra comer, e quando sobrava as crianças saiam pra vende pra quem não tinha leite lá, aí sempre rendia uns troquinho né? e quando *nóis* viemo pra cá vimo que o leite era uma coisa que rendia um dinheirinho todo *meis*, então *comecemo* comprando umas vaquinha e depois aumentamo a produção e as estrutura.

Esse também foi um incentivo para a produção de leite para a família do Entrevistado E (2021):

Bom, nós sempre via nossos parente de assentamentos vizinhos que tiravam leite, e eles sempre nos incentivavam, também pensamos em como ter uma boa renda em pouca terra, aí decidimos trabalhar com o leite e estamos até hoje. Deixar não [de produzir grãos], só diminuímos um pouco por um tempo, porque precisamos plantar pastos no lugar onde era feito o plantio de grãos, mas depois que arrendamos dos vizinhos voltamos a cultivar mais o plantio.

A produção de leite representa de 75% a 100% da renda das famílias entrevistadas. Entre os entrevistados, o leite é considerado como “carro chefe para o assentamento”. Importante destacar que o leite representa entre 75% e 90% da renda daquelas famílias que arrendam terras e também fazem plantios da soja, milho, trigo entre outros produtos para a comercialização. Para as famílias que não arrendam ou arrendam pouca terra para plantio a produção leiteira é responsável por praticamente 100% da renda.

As famílias têm acesso a políticas públicas, porém essas não são municipais, são financiamentos em bancos e cooperativas. Os mais usados são o Pronaf custeio agrícola e pecuário e o Pronaf investimento, resultando na compra de maquinários e equipamentos para irrigação³. Os financiamentos são usados pelos produtores para investir no que eles mais precisam no momento, aqueles financiamentos que não possuem restrições, como o Pronaf, também são usados para pagar outras dívidas e

³ No município de Quedas do Iguaçu, a prefeitura municipal estimula a produção leiteira por meio de programas de incentivo à inseminação, onde os agricultores recebem formação para atuarem como inseminadores realizando o trabalho na comunidade onde vivem.

comprar outros produtos, não necessariamente aquilo que foi colocado no projeto e que foi apresentado ao banco/cooperativa. Também são realizados empréstimos pessoais em bancos.

As políticas públicas para os agricultores camponeses são importantes, pois é por meio delas que muitos camponeses conseguem melhores condições de vida e de trabalho, sendo assim possível a sua permanência no campo. Muitas vezes, a falta dessas políticas públicas leva os camponeses a desistirem de sua atividade e acabam vendendo suas terras e indo para a cidade.

As dificuldades encontradas na produção de leite muitas vezes levam os produtores a desistir da atividade. As dificuldades mais citadas pelos produtores de leite foram: preço baixo; estradas ruins; preço de custo muito alto e a falta frequente de energia elétrica. Quando o preço do leite fica muito baixo, as famílias têm dificuldade em manter todos os custos; com as estradas ruins, os caminhões não conseguem chegar até a propriedade para fazer a coleta do leite e o produtor acaba perdendo a produção, e a falta de energia elétrica nos dias chuvosos também faz com que os produtores percam o leite e, também, a produção diminui, podendo até causar mastites⁴. De acordo com Entrevistado B (2021):

acho que nossa maior dificuldade é o custo de produção que é muito alto, e o preço do leite não colabora. Nos dia de chuva também é um pouco difícil porque se o caminhão do leite for pra algum lugar e atola aí não consegue vim aqui pegar o leite, já aconteceu muito de estragar todo o nosso leite que tá no tanque. A falta de luz nos dia de chuva também prejudica bastante além de não pode *ordenhá* as vaca, o leite do tanque estraga, e dá mastite nas vaca então quando fica uns dois dias ou mais sem luz nosso prejuízo é muito grande. Dá até vontade de desistir quando acontece isso.

A falta de manutenção das estradas é uma das principais dificuldades enfrentadas pelos camponeses do assentamento Celso Furtado. Conforme o Entrevistado E (2021):

A nossa maior dificuldade é a estrada principal que não tem assistência, as estradas são ruins e assim somos explorados no preço do leite porque os

⁴ A mastite é uma inflamação que se desenvolve na glândula mamaria pode ser causada por microrganismos, entre eles bactérias e fungos, ela pode se desenvolver de duas formas: a clínica e a subclínica. A mastite é um dos problemas mais comuns enfrentados pelos produtores de leite, ela gera prejuízos, seja a diminuição da produção leiteira ou a perda dos tetos das vacas afetados por ela (PELEGRINO, 2008).

caminhão sempre atolam nos dia de chuvas, ai por isso eles não pagam um preço “justo”, e também o custo de produção que em média é de 86%.

Mesmo com tantas dificuldades enfrentadas pelos camponeses do assentamento na produção leiteira, o interesse de continuar nessa atividade é grande. Os jovens e adolescentes também demonstram grande interesse em continuar com a atividade leiteira. Conforme o Entrevistado C (2021): “a gente pretende continuar por mais um tempo com o leite, e nossa filha também quer dar continuidade nesse trabalho, talvez ela saia durante um tempo para estudar, *mais* depois ela quer voltar e continuar nossos serviços”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que a produção de leite é fundamental para os camponeses do assentamento Celso Furtado, pela questão econômica, pela autonomia do trabalho, entre outros aspectos. A produção do leite representa mais de 75% da renda mensal das famílias. O leite é vendido para diferentes laticínios, mas é também usado para o autoconsumo, essa produção leiteira permite que o camponês tenha uma renda mensal, diferente da produção do milho e da soja que é plantado e colhido, no máximo, duas vezes ao ano.

Os relatos dos camponeses entrevistados mostraram que eles começaram a trabalhar com a atividade no assentamento por incentivo de amigos, vizinhos e familiares que já trabalhavam com essa produção. Alguns começaram com apenas uma vaca de leite para o autoconsumo e perceberam que a produção para comercialização seria uma boa opção de trabalho e renda para a sua família.

A autonomia na produção do leite e a demanda de mão de obra para a atividade fazem com que os camponeses não desenvolvam trabalho remunerado fora da unidade de produção. É importante lembrar que a produção leiteira envolve toda a família, os adolescentes e as crianças também participam. A divisão do trabalho na unidade de produção, em sua maioria, ocorre de forma que os homens realizam o trabalho “pesado”, como o plantio de pastos e tratar o gado nos cochos; já as mulheres e os adolescentes realizam o manejo da ordenha das vacas, tratam os animais menores, entre outras tarefas. Mas essa forma de organização do trabalho não é regra, ela pode ser alterada conforme a disponibilidade ou a necessidade de cada família. A fonte do trabalho é a família, podendo acontecer ajuda mútua ou troca de dias de trabalho entre as famílias em momentos específicos, como na colheita ou para fazer silagem.

A relação entre as famílias produtoras de leite e os laticínios compradores é mediada por acordos verbais, não existe nenhum tipo de contrato entre as partes, é feito apenas um combinado informal e o produtor pode trocar de laticínio quando achar mais conveniente. A maior reclamação dos produtores é o baixo recebido pelo litro do leite, o leite não é pago pela qualidade, mas sim pela quantidade. Dessa forma, aquelas famílias que produzem acima da média estipulada por cada laticínio recebem alguns centavos a mais pelo litro do leite. O desejo dos produtores que um laticínio maior se

instale em Quedas do Iguaçu diminuindo os custos com o frete e pagando um preço melhor para o produto.

Os assentados têm acesso a políticas públicas (financiamentos), em sua maioria, para compra do gado leiteiro, para o plantio do milho, para compra de insumos usados na silagem e equipamentos de ordenha, entre outros. O produtor de leite tem mais facilidade para acessar os financiamentos bancários porque ele tem como dar uma garantia ao banco. Como essa garantia não pode ser o lote do assentamento já que os assentados ainda não têm o título da terra, geralmente as vacas de leite ou algum maquinário acaba sendo a garantia para os empréstimos. A partir disso é importante ressaltar que a produção de leite de vaca foi fundamental para a melhoria na qualidade de vida dos camponeses do assentamento Celso Furtado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº11.326**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF: Presidência da República, [2006]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm. Acesso em 26 de março de 2021.
- CAMACHO, Rodrigo Simão. Algumas Considerações a Cerca do Modo de Vida Camponês. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 10, n. 10, p. 1-16, 2014.
- EDUARDO, Márcio Freitas. Território, Trabalho e Poder: por uma geografia relacional. **Campo-Território - Revista de geografia agraria**, v.1, n. 2, p.174-195, 2006.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Entrando nos territórios do território. *In*: PAULINO, E. T.; FABRINI, E. (Org). **Campesinato e o Território em Disputa**. 1º Edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008, p. 273-302.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Questão Agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. *In*: BUAINAIN, Antônio Márcio (Coord.). **Luta pela Terra, Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 173-224, 2008.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. Acampamento. *In*: CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel B.; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 23-27.
- GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**, tipos de pesquisa, 1ª Edição, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A nova questão agrária e reinvenção do campesinato: o caso do MST. **Revista Geografias**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 7 - 25, 2005.
- LEITE, Sergio Pereira. Assentamento Rural. *In*: CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel B.; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012, p 110.
- MARTINS, José de Souza. Reforma Agrária, o impossível diálogo sobre a história possível. **Tempo Social**, Revista. Sociol. USP, São Paulo, p. 97- 128, outubro de 1999.
- MARCELITES, Elder José. **As relações contraditórias de produção no Assentamento Celso Furtado no município de Quedas do Iguaçu, PR: Subordinação e Resistência**. 2018. 126p, Dissertação (Pós-Graduação em Agroecologia) - Universidade Federal da Fronteira Sul - Curso de mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Laranjeiras do Sul, 2018.

PELEGRINO, Raeder do Carmo *et al.* Mastite em vacas leiteiras. **Revista científica eletrônica de medicina veterinária São Paulo**, Garça/São Paulo, n. 10, p. 1-10, janeiro de 2008. ISSN: 1679-7353. Disponível em: http://www.faeff.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/feEL8GXBWZRDR2e_2013-5-29-10-1-24.pdf acesso em: 14/09/2021.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Questões Teóricas sobre Agricultura Camponesa**. In: _____. A agricultura camponesa no Brasil. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p.45-72.

PROJETO LEITE SUL, **O MST na luta do leite**, 2005. p.5. Porto Alegre.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. Agricultura familiar camponesa na construção do futuro, Sete **teses sobre a agricultura camponesa**, p. 17-30, janeiro 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/283451041> . Acesso em 10/04/2021

SILVA, Jucelia Valeriano. FINATTO, Roberto Antônio. EDUARDO, Márcio Freitas. Agroecologia e Reforma Agrária: Um estudo sobre as práticas agroecológicas no Assentamento Celso Furtado. **Revista Caminhos de Geografia**, v. 21, p. 111-132, 2020.

SHANIN, Teodor. Lições Camponesas. In. PAULINO, Eliane Tomiasi e FABRINI, João Edmilson (Org). **Campepinato e Territórios em Disputa: Lições Camponesas**. 1º Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008. P.23-30.

TONET, Rosa Maira. **Características dos sistemas de produção de leite na região dos Campos Gerais do Paraná em propriedades de agricultura familiar: Agricultura familiar e a produção de leite**. 2016, 70p. Dissertação (Pós-Graduação em Agroecologia) - Universidade Estadual de Maringá - Centro De Ciências Agrárias. Departamento de Agronomia. Programa de Pós-Graduação em Agroecologia, 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PESQUISA DE CAMPO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CSH**

Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso:

A importância da produção de leite para as famílias do assentamento Celso Furtado – Paraná

Roteiro para entrevista com as famílias do assentamento:

Nome: _____ Data da Entrevista: _____

Comunidade de Residência: _____

Número de pessoas que residem na casa: _____

Dados das pessoas da família:

Nome	Idade	Escolaridade

- 1- Quantas pessoas trabalham no lote? Há pessoas que trabalham fora da unidade de produção (por exemplo, na cidade)?
- 2- Há quanto tempo reside no assentamento? *(Se não participou do período de acampamento, perguntar de onde vieram e por quê foram morar no assentamento).*
- 3- Participou do acampamento? Se sim, a qual grupo pertenciam: () Orgânico () Madeira () Produção Convencional.
- 4- A produção de leite foi considerada uma alternativa para o assentamento na época do acampamento? Explique.
- 5- Arrenda alguma parte da área? Ou arrendam áreas de outros agricultores? Para quais cultivos/atividades?
- 6- A produção do lote é para comercialização ou autoconsumo? Cite os principais produtos comercializados e os principais produtos para o autoconsumo.
- 7- Quais os principais produtos que compõem a renda por ordem de importância.
- 8- Por que a família decidiu se dedicar à produção leiteira? Deixaram de cultivar algum produto que cultivavam antes?
- 9- Como ocorre a divisão do trabalho na produção de leite? Quais atividades cada integrante da família desenvolve? Os adolescentes contribuem nessas atividades?

- 10-Ocorre ajuda mútua ou troca de dias de trabalho com vizinhos para as atividades no lote? Quais e como isso ocorre?
- 11-Qual a importância da produção de leite na composição da renda mensal da família? Poderia indicar em porcentagem?
- 12-O leite é entregue para qual laticínio? Quantas vezes por semana ocorre a entrega do produto?
- 13-Já entregou para outro laticínio? Por que mudou? Como ocorre a mudança/alteração de empresa que compra o leite? Existe algum contrato (acordo verbal)?
- 14-O leite também é destinado para autoconsumo? Quais produtos derivados do leite são produzidos na própria unidade? Algum deles é comercializado?
- 15-A família pretende seguir trabalhando com a atividade leiteira? Os filhos mostram interesse em seguir na unidade de produção trabalhando com leite?
- 16-Tem acesso a políticas públicas? (Financiamentos). Se sim, cite qual (pensar especificamente para o a atividade leiteira).
- 17-Identifica alguma dificuldade em relação à produção de leite na unidade de produção? Quais?
- 18-Possui os seguintes equipamentos/insumos?

Equipamentos disponíveis	Sim	Não
Trator		
Plantadeira		
Ensiladeira		
Carreta		
Ordeneira		
Sala de ordenha		
Estrebaria		
Resfriador		
Usa ração ou farelo de soja		
Usa silagem		